

IMAGENS RELIGIOSAS LITERÁRIAS E ICONOGRÁFICAS EM FOLHETOS DE LEANDRO GOMES DE BARROS

GILMÁRIO MOREIRA BRITO**

O processo de investigação dos folhetos religiosos iniciou a partir da leitura atenta de catálogos e de antologias organizadas por instituições de pesquisa que agregaram pesquisadores interessados em reunir e sistematizar a literatura de folhetos por temáticas que atendiam a diversos interesses e variadas propostas de classificação. Além disso, buscamos estabelecer cruzamentos com fontes literárias, dialogar com informações de revistas e periódicos tendo em vista contextualizar o ambiente de produção, reprodução, comercialização e recepção de temáticas de moral religiosa.

Posteriormente formamos o grupo de pesquisa “História, cultura e linguagens” e após a inclusão dos primeiros bolsistas do PIBIC / FAPESB, resolvemos levantar separar e catalogar os folhetos religiosos pertencentes ao Museu Casa do Sertão cujo acervo, com cerca três mil exemplares é composto por diversas temáticas e inúmeros autores. O resultado desse trabalho foi a organização e sistematização dos folhetos religiosos tendo como referência uma ficha catalográfica com as seguintes entradas: autor, título, capa / autor, tipo de capa, cor, contracapa, descrição, formato, local, data, número de páginas, rima, métrica, acróstico, primeiro verso, último verso, estrofes e observações. Em seguida, as capas dos folhetos já catalogados foram digitalizadas em banco de imagens e anexadas ao banco de dados gravados em mídia de CD Rom.

Tais procedimentos facilitaram ao grupo de pesquisa vislumbrar a dimensão do acervo, a importância da sistematização dos folhetos religiosos e enfrentar uma leitura atenta das narrativas, capas, poetas e stampadores que lhes chamavam atenção sem perder o foco da pesquisa “Produção iconográfica na literatura popular: Relações e tensões em linguagem oral, escrita e gestual de folhetos religiosos”

Para compreender as relações e tensões entre as linguagens nos folhetos religiosos, resolvemos iniciar pelo exame de alguns aspectos da extensa obra de Leandro Gomes de Barros. Tal escolha está relacionada ao enorme recorte temporal - anos finais do Século XIX e meados do Século XX-, que propomos nessa pesquisa. Leandro foi, talvez, o

**Professor Adjunto B do DEDC - Campus I e PPGHRL – Campus V UNEB. gilmariobrito@uol.com.br

primeiro poeta a configurar o folheto no formato que hoje conhecemos, partindo de narrativas orais e manuscritas, oriundas de tradições orais amplamente conhecidas e praticadas no interior do Nordeste do Brasil. Além disso, ele empreendeu as primeiras tentativas de fixar por escrito, no papel, expressões culturais relacionadas a costumes, crenças, práticas culturais e religiosas de amplos segmentos sociais das zonas rurais e pequenas cidades.

Leandro Gomes é considerado articulador ativo das peças necessárias da produção e circulação dos folhetos, segundo Suassuna (1977, p. 338) foi o primeiro a escrever e publicar com regularidade os folhetos, aliando as habilidades poéticas a um sentido prático para colocar em circulação sua obra. Com esses propósitos, Barros adquiriu uma impressora rudimentar, organizou uma pequena oficina gráfica para reproduzir, narrativas, imagens literárias e iconográficas que alcançaram, no suporte dos folhetos, horizontes cada vez mais amplos. Nesse sentido, apesar de embrionária essa geringonça azeitada por Leandro se configura como uma reprodutibilidade técnica que oferece extraordinário suporte aos meios de comunicação e de relações interculturais a múltiplos grupos e espaços sociais.

Todavia, não trata apenas de um produtor cujas habilidades transformavam narrativas poéticas em mercadoria para o consumo e entretenimento de outros. Como veremos adiante, podemos depreender através da leitura atenta de alguns fragmentos de seus folhetos que ao participar de todas as etapas de “cadeia produtiva”: elaboração poética, impressão, distribuição e venda direta ao consumidor mediante propaganda realizada em feiras, praças e outros recintos públicos e privados, constituída de recitações, esquetes e performances, ações corporais que aliadas à voz ampliam as possibilidades de recepção e de estabelecer diálogos com o público.

Nesse sentido, é notável o empenho de Leandro que viajava por povoados, distritos e pequenas cidades do entorno de Recife e João Pessoa bem como dos Estados de Pernambuco e da Paraíba vendendo folhetos nas portas, nas feiras, ... ouvindo causos, cantos, pelejas, histórias, ladainhas, convivendo com grupos de diferentes lugares, leitores ou não de folhetos trocando experiências fundamentais tanto para captar múltiplos interesses, desejos, expectativas materiais quanto para perceber os valores do imaginário religioso de seu público leitor, ouvinte, comprador direcionando algumas poesias para abordar sobre a moral religiosa e as práticas devocionais.

Assim, deu partida ao processo de produção e difusão de folhetos que, partindo de tradições orais / religiosas constitutivas de grupos que compunham seu público, ao dar forma a composição gráfica para imprimir em folha de papel, dobrada em 8 páginas e - múltiplas destas -, deu formato a um suporte de relações sociais que foi gradativamente formando complexa rede de produção e distribuição que atendia a vários estados do País. Essas experiências de ir, vir, narrar, ouvir, debater, produzir colocam Leandro em lugar privilegiado na escuta e na percepção que foi construindo ao longo de suas jornadas com seu público que aguçando sua percepção para a divulgação de valores religiosos, amplamente, ancorados nos pressupostos de ensinamentos e uma moral religiosa cristã. A esse respeito, suas incursões junto a grupos que apresentam traços culturais marcados nos fazem lembrar os papéis desempenhados pelos narradores na acepção de Walter Benjamin.¹

Porém, voltado à produção e circulação dos folhetos, depois dessas primeiras iniciativas, Leandro é seguido por João Martins de Athayde e Francisco da Chagas Batista, dentre outros, que, de acordo com Terra (1983) continuaram compondo as narrativas e imprimindo folhetos rústicos em gráficas grosseiras de autoria dos próprios folheteiros ou em gráficas particulares que produzem jornais e outros materiais, expandindo, paulatinamente, a produção e a distribuição de folhetos, segundo Galvão (2001) para o Norte e Nordeste.

Além disso, organizam verdadeira rede de distribuição dos folhetos que podiam ser adquiridos pessoalmente com o poeta, ou através de folheteiros, vendedores ambulantes, em depósitos de revenda, a exemplo do Mercado de São José, em Recife, passando por representantes comerciais espalhados por várias cidades do Norte e Nordeste do país, chegando até mesmo nos locais de moradia através do correio.

Entre as décadas de 1920 e 1940 os folhetos apresentam características gráficas e formato poético diferenciado quando são abalados pelo aparecimento de outras mídias, como o rádio, um veículo de comunicação verbal que exerce grande influência sobre o público consumidor dos folhetos reduzindo de forma significativa sua produção, sofrendo enorme concorrência.

¹ ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas “dar conselhos” parece hoje algo antiquado, é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis, BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, Arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

É importante registrar que após a morte de Leandro em 1918, a gráfica de sua propriedade foi assumida, com anuência da viúva, pelo genro Pedro Batista que deu continuidade à produção de folhetos por pucos anos. De acordo com Galvão (2001), em meados da década de 1920 começaram a despontar novos poetas que ampliaram o número de folhetos produzidos e ajudaram a consolidar esse período como o auge da produção de folhetos no Nordeste. Mais do que isso, propõem outro formato, reduzem o número de páginas, inserem iconografias nas capas que oferecem outras possibilidades de leituras dos folhetos modificando o modo de fazer cordel.

Imerso em um contexto de mudanças do século XIX para o XX, no qual o país passa de um regime monarquista para outro republicano, embalado pelas lutas sociais, políticas, econômicas e culturais que promoveram transformações radicais: alterando as relações de trabalho da escravidão para o trabalho livre, as bases materiais e tecnológicas das relações produtivas, incrementos dos fluxos financeiros que nutrem o processo de fortalecimento do capitalismo, alimentado pelas concepções de progresso e modernização compreendidas como industrialização, urbanização, higienização, estatutos jurídicos, científicos e letrados etc, esses conceitos, valores e normas colocam em oposição noções consideradas atrasadas, incultos, analfabetos, iletrados ignorantes, rurais, populares. Essas alterações na ordem estabelecida promovem enfrentamentos de concepções e experiências de vida colocando em campos opostos grupos que se manifestam em defesa de diferentes valores sociais e culturais.

Convivendo com essas tensões Leandro vai construindo imagens literárias e iconográficas para dar visibilidade às práticas e crenças de sujeitos que impregnados de seus valores culturais marcavam lugares se contrapondo às normas sociais emergentes. Através dos folhetos compunha narrativas a partir das histórias que ouvia, diálogos que mantinha com seu público, de reflexões e olhares que lançava sobre as diferentes situações cotidianas imprimindo em suas histórias imagens, sentimentos de fé difundidos como instrumento da religiosidade popular.

Assim, começamos nosso diálogo com a narrativa Leandro Gomes questionando como produziu e colocou em circulação imagens poéticas e iconográficas e como essas linguagens contribuíram para a leituras de grupos sociais que se davam a ver mediante valores e práticas de uma religiosidade paltada em tradições orais e católicas ?

IMAGENS RELIGIOSAS E ICONOGRÁFICAS DE LEANDRO GOMES DE BARROS NO ROMANCE JOÃO DA CRUZ.

De início, é importante esclarecer que nesse texto vamos tentar apreender e dialogar apenas com pouquíssimas imagens de Leandro, já que como um dos pioneiros, da produção e impressão de folhetos é autor de ampla produção literária de, aproximadamente, 237 títulos. Vamos sistematizar, narrar e analisar imagens iconográficas e literárias dos folhetos como linguagens que são constitutivas de relações entre esse autor e seu público, problematizando tanto os folhetos religiosos, de forma específica como os não religiosos que versam sobre aspectos, valores e exercícios de uma moral cristã presente no folheto.

Leandro Gomes de Barros, de acordo com Câmara Cascudo, era um poeta “baixo, grosso, olhos claros, bigodão espesso, cabeça redonda, meio corcovado, risonho contador de anedotas, fala cantada e lenta, (...) pleno de alegria, de graça e de oportunidade”ⁱ, nasceu em Pombal, Paraíba, em 1865 e faleceu em Recife, Pernambuco, segundo pesquisadores, vítima da gripe espanhola. Após a morte do pai, foi morar com seu tio o padre Vicente Xavier de Farias e por sofrer maus-tratos fugiu. Seus biógrafos sugerem que ele narra esses episódios da infância no folheto *Cancão de Fogo e Alfredo*. Leandro residiu - dos 11 aos 15 anos -, na cidade de Teixeira, na Paraíba, considerada o berço de grandes cantadores. Em seguida, mudou-se para Vitória de Santo Antão onde casou e teve quatro filhos.

Segundo Ruth Terra (1983)ⁱⁱ Leandro produziu de 1889 a 1918, vasta obra literária estimada em cerca de 600 títulos e mais de 10 mil edições. Imprimindo em uma pequena gráfica, organizou ampla distribuição de seus próprios folhetos que tiveram grande aceitação popular, alguns deles são considerados clássicos, *História da Donzela Teodora*, *Juvenal e o Dragão*, *Antônio Silvino*, *o Rei dos Cangaceiros* e *o Boi Misterioso*. Pioneiro da literatura de cordel no país, Leandro foi considerado por Luís da Câmara Cascudo (1984) como,

“o mais lido de todos os escritores populares. Escreveu para sertanejos e matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. É lido nas feiras, nas fazendas, sob as oiticicas, nas horas do 'rancho', no oitão das casas pobres, soletrado com amor e admirado com fanatismo. Seus romances, histórias românticas em versos, são decorados pelos cantadores”. (CASCUDO, 1984. pp. 318-319)ⁱⁱⁱ

Esses comentários não indicam apenas o lugar ocupado por Leandro na produção e distribuição de folhetos, mas são reveladores dos locais onde ocorriam as leituras – nas feiras, fazendas, horas do rancho, oitão das casas -, sugerindo que eram leituras/escutas, recitações/cantorias, coletivas e públicas, realizados por e para moradores do sertão, das matas e grupos que, por diversas razões se movimentavam pelo interior do Nordeste: deitando cantorias sobre os fazeres e viveres do povo, acompanhados de viola; lutando contra rivais ou fugindo das volantes; mascateando, transportando mercadorias em tropas de muares e embarcações de cabotagem; cuidando do gado e tangendo boiadas para fronteiras quase sempre móveis; ou já estabelecidos em alguns locais, recebem constantes visitas de sujeitos que circulam por espaços diferenciados.

Essa ampla rede recepção de seus folhetos indica, ainda conforme Cascudo, que seus romances e histórias em versos, *Alonso e Marina*, *O Boi Misterioso*, *Rosa e Lino de Alencar*, *O Príncipe e a Fada*, *João da Cruz*, dentre outros, tiveram suas imagens literárias memorizadas por cantadores e constituem literatura indispensável para amplos grupos de nordestinos.

Porém, a obra de Leandro além de apresentar nos folhetos manifestações, sentimentos e práticas culturais religiosas, transmitir crenças e outros aspectos significativos dialogando com expressivos grupos sociais do interior de cidades do Nordeste, sua produção poética também foi acompanhada das pelejas, desafios, romances, histórias de heróis de acontecidos.

As imagens mais recorrentes nos folhetos religiosos estão relacionadas ao temor a Deus, aos exemplos deixados por Jesus Cristo e as aproximações que os fiéis estabelecem com os santos através das mediações que estes realizam junto a Deus tornam-se cultuados nas práticas devocionais materializadas em elevado número de narrativas poéticas e imagéticas sobre milagres, intercessões, festas e vida de santos.² Todavia, elas se apresentam, quase sempre, nas relações de confronto, ao “Diabo/ inferno” e “Deus/ Jesus Cristo” que representam os maiores ícones da religiosidade popular. Nessas práticas religiosas recorre constantemente às lembranças de um Deus poderoso, onipotente, unipresente e constrói também um adversário da mesma estatura: o diabo

² A esse respeito, Padre Cícero, Frei Damião, Antônio Conselheiro e outros padres e beatos são temas recorrente nos folhetos. Em suas narrativas e imagens misturam crenças a Deus, a virgem Maria e aos Santos que podem ser exemplificados nos milagres do “Padim Ciço”, os castigos por profanar Frei Damião, o exemplo de Antônio Conselheiro entre muitas outras.

que recebe muitos nomes, sobrenomes e alcunhas; cujos significados representam, o perigo permanente, a dúvida, a provocação e a tentação que homens e mulheres precisam superar cotidianamente para se redimirem do pecado e da culpa tão arraigados na concepção cristã.³ Na perspectiva do imaginário judaico-cristão essas tensões e medos cumprem tanto o papel de alertar aos cristãos desatentos para os compromissos firmados com o Deus, quanto superdimensionar os poderes malignos de satanás para enfatizar a bondade divina materializada através do perdão

Também são freqüentes nos folhetos imagens sobre castigos e blasfêmias atribuídos a sujeitos que criticam e/ou descumprem princípios e dogmas da Igreja Católica. Esse posicionamento é revelador da postura religiosa assumida por Leandro e muitos poetas e xilógrafos em seus trabalhos, nos quais enfocam desde pequenas advertências aos que atentam contra a moral cristã até castigos que promovem metamorfoses de seres humanos em animais, deformações físicas em crianças e até o envio direto de seres humanos para o inferno sem passagem pelo purgatório.

Antes de seguir é importante registrar que Leandro além de estabelecer intenso diálogo com amplos seguimentos sociais originários de tradições de oralidade do interior nordestino, conforme indicamos acima, ele também conviveu com grupos sociais letrados, inclusive, com seu tio materno, padre Vicente de Farias, vigário e mestre de escola com o qual conviveu durante alguns anos e, possivelmente, adquiriu um bom conhecimento da Bíblia que expressa em suas narrativas e imagens. Nesse sentido, realizou inter-relações culturais que lhe possibilitou aproximar tanto de textos escritos de autores como Castro Alves, Gonçalves Dias, Camões, da Bíblia, entre outros, quanto de poéticas e cantorias presentes em tradições orais. Talvez pela manutenção de amplos e significativos diálogos com seu complexo e diversificado público tenha conseguido articular grande produção e distribuição de folhetos que conferiram admirável recepção de sua obra.

Mas, voltando às narrativas imagéticas de Leandro sobre o catolicismo popular vamos trabalhar com o folheto “História de João da Cruz” de sua autoria no qual apresenta tensões vividas no âmago da família no interior nordestino a respeito da crença em

³ A esse respeito são instigantes os estudos de Souto Maior, Mario. Território da danação: O diabo na cultura popular do Nordeste. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975. Aud Silva, Edivania Alexandre da. “O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”: Relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros –Recife (1900 a 1920). Dissertação Mestrado apresentada a FFCH – UFBA. Salvador: (fotocópia) 2007.

Deus: o filho, não por acaso, é denominado João da Cruz, expressa aos parentes suas hesitações e questionamentos sobre a existência de Deus e os pais “humildes e tementes” recorriam: aos exercícios de catecismo, rezar em sal grosso até o joelho ficar vermelho e argumentos variados para demonstrar as evidências da divindade. Em suas explicações, a presença divina pode ser percebida nas relações estabelecidas entre os elementos na natureza - mar, sol, vento e chuva-, os animais irracionais e os homens; além dessas apontam soluções miraculosas através das quais, Deus após submeter o cristão a desafios e provas estende-lhe a possibilidade de confirmar sua fé.

O romance a “História de João da Cruz” do poeta Leandro Gomes de Barros, trata de Deus, santos e demônios, enfocando tensões entre o catolicismo e a demonologia mediante narrativa considerada tradicional por estudiosos da Fundação Casa de Rui Barbosa que o classificou como folheto raro porque, ao contrário da maioria dos folhetos, apresenta informações fundamentais: é considerado romance porque apresentam 48 páginas, data da publicação, fevereiro de 1917, Parahyba, Popular Editora, terceira edição, a venda em Afogados, Recife, acróstico na estrofe final, seguido de retrato de Leandro e aviso contra plagiadores.^{iv}

Ao longo da narrativa os conflitos gerados pela crença extremada de seus pais e a pela descrença intransigente de João da Cruz em Deus vão ganhando densidade. Uma noite, depois de uma discussão acirrada com a mãe, enquanto dormia, João sonhou com lugares, práticas domésticas e sujeitos muito estranhos. Um campo muito vasto sem pasto nem árvores, com uma placa escrita segredo, caminhou durante algum tempo e encontrou dois caminhos. No primeiro, uma senhora que passava lhe recomendou ir pela direita que em breve chegaria ao seu destino. Mas, temendo ser “iludido”, João seguiu pelo segundo caminho, o da esquerda, sem direção, ao final do campo encontra uma habitação “fumegando” pelo bueiro, parecendo de fornalha ou fogão. Era um prédio grande, com muro enorme e portão preto parecendo seguro, mas exalava um cheiro muito forte de enxofre puro; no alpendre havia serpente, cão olhos de fogo, atado à corrente, quando viu ele uivava horrorosamente.

Na perspectiva poética do autor esse sonho representa o afastamento do personagem de Deus e de sua aproximação com o Diabo que se realiza através de uma ação onírica e inconsciente transportando-lhe para a morada de Lúcifer. Ao acordar, João percebe que havia seguido, por escolha pessoal, o caminho errado, além disso, descobre ser a

mulher, cuja indicação de outro caminho o levaria, possivelmente, para Deus, era sua mãe que havia morrido há pouco tempo e aproveitava o sonho para lhe mandar uma mensagem.

A partir desse evento e depois de muito sofrimento, João se arrepende, confirma sua crença e vai morar sozinho. Porém, satanás - que no imaginário judaico-cristão-, é a entidade que polariza as tensões entre o “bem e o mal”, e também estimula uma conduta ética e moral contrária a do cristianismo -, não se conforma com adesão fervorosa de João à Cristo. Por isso, vai acompanhar as ações de seu dia-a-dia durante muito tempo, lhe prepara muitas armadilhas oferecendo tudo que alimenta o ego masculino, poder, dinheiro, sedução, luxúria e relações sexuais que funcionam como provocações que colocam em xeque sua crença e sua fidelidade aos princípios religiosos. Percebendo certa ingenuidade e/ou o despreparo de João para lidar com as provocações ardilosas do Demo, um anjo lhe oferece ajuda doando um ramo de folhas que murcham na presença das astúcias malignas. Porém, a sedução é tão envolvente que o personagem João, representando o comportamento cristão não resiste, cai em tentação e peca!

Em seu julgamento final, a imagem do divino é utilizada como moral da história: apesar de ter vivido como ateu e, ao morrer, ter sua alma disputada por Lúcifer, temendo ser conduzido para as trevas João apelou para intercessão do Arcanjo Miguel. Acompanhando essa disputa e vendo a fluência dos argumentos do Demônio João se joga aos pés de Nossa Senhora e pede para São Miguel ajudá-lo a se livrar desse “dragão cruel” que aos “fracos seduz”, pelos “prazeres que tiveram”. Depois de reconhecer seus pecados João suplica a Maria Santíssima, que lhe promete: você se salvará, meu filho é o Salvador! Depois dessa peleja, o diabo saiu aos berros “Miguel é alcoviteiro / Ah! Maria piedosa! / Ah! João da Cruz estradeiro!”.^v

Assim, a narrativa se desenrola apresentando imagens dos personagens em suas práticas devocionais carregadas de rezas, orações, pedidos de mediações, perdão, penitência, arrependimento, perdão, salvação, bem-aventurança e intercessão carregadas de valores Cristãos.



Capa: Desenho de Avelino

A imagem da capa desse folheto é um desenho do xilógrafo e escultor Avelino. Podemos verificar, desde o início, que a imagem enfoca o momento crucial da narrativa poética, ou seja, a reunião dos principais responsáveis pelo o julgamento da alma de um ateu. Ao contrário da maioria dos folhetos a imagem central foi composta no sentido vertical que obriga, de certa forma, o leitor virar a mão ou a cabeça quando precisa recorrer aos detalhes de sua composição. Essa estratégia é interessante porque, apesar das linguagens poética e imagética tratarem da história de João da Cruz, as construções de narrativas e de significados apresentam processos mnemônicos distintos.

A esse respeito são importantes as observações de Maria Angélica Melendi, de que “(...) a visão jamais é pura visão, (...) o olhar está sempre contaminado pela multiplicidade de comentários (...) há sempre uma voz que diz como ver”. Dialogando com Foucault acrescenta que a relação da palavra com a imagem produzida é sempre infinita, porque “são irredutíveis uma ao outro; o que se vê não se aloja jamais no que se diz...”.^{vi}

Porém, voltando ao desenho da capa, observamos que no cenário construído para a corte dos julgadores o autor recorre a emblemas angélicos também utilizados da justiça civil, um anjo alado, com auréola sobre a cabeça cuja aura transparece luminosidade, vestido como soldado romano, portando em uma mão a espada e na outra a balança, são características físicas atribuídas pela angelologia ao Arcanjo Miguel, representante do primeiro raio. Os ícones utilizados no referido cenário assemelham-se tanto àqueles recorrentes aos julgamentos divinos, o anjo com a espada pronto para lutar contra a

conduta indesejada do suplicante em sua passagem pela terra quanto a balança símbolo empregado pela justiça civil que sugere uma aferição e/ou julgamento realizado com base nos códigos estabelecidos pela sociedade para avaliar a conduta civil, moral, ética do cidadão.

Alem disso, o cenário também insinua uma atmosfera complexa e polarizada entre uma dimensão supra-terrestre na qual os juízes – Diabo e o Arcanjo Miguel - pairam sobre estratos que parecem flutuar e a imagem de Nossa Senhora revela que ela se mantém em pé sobre uma nevem pequena, sugerindo que se desloca de forma livre e independente; as outras nuvens escuras ao fundo da imagem apresentam um clima sombrio e carregado de certa expectativa, apesar da ausência do principal acusado. Tal composição não é casual, se compararmos o suplicante ateu a um católico é possível compreender que o julgamento final por um tribunal celeste especial que avalia a conduta ética, moral, religiosa, etc., do crente ao longo de sua permanência na terra é um princípio dessa religião.

Assim, mesmo sem a presença do ateu, e realizando uma leitura da imagem da capa, da esquerda para a direita, semelhante à da escrita ocidental é possível observar que o primeiro personagem destacado é o Diabo. Esse posicionamento na composição visual da capa demonstra que essa entidade, encarnada, dentre múltiplas representações como Lúcifer, um “anjo torto”⁴ tanto brilhante quanto rebelde, que protestava as ordens e ambicionava o poder de Deus. Essa imagem, construída pelo imaginário cristão tem o propósito de antagonizar o senhor das trevas com o Deus Pai.

Nessa luta entre o “bem e o mal”, entre a “luz e as trevas” o diabo está naquele lugar para cobrar daquele tribunal a subordinação e o controle sobre a alma daquele ateu que, durante toda a vida, apesar dos argumentos, demonstrações e esforços dos pais e da Igreja para doutriná-lo, manteve a posição de não acreditar em Deus. Na imagem, o “anjo das trevas” com suas mãos erguidas, oscilando na altura do tórax, o corpo levemente inclinado para frente e asas vestigiais flexionadas, indicam movimentos e sua disposição física e performática de mergulhar no debate para garantir e exercer do poder sobre aquele que seguindo seus ensinamentos desacreditou de Deus.

Mais que isso, Avelino, autor do desenho, seguindo, de certa forma, a narrativa poética de Leandro, parece destacar o lugar da imagem do “belzebu” para mostrar a força e

⁴ Inserir texto explicativo do dicionário esotérico

poder de Deus, seu adversário. Ao demonstrar que “palavras, gestos, ações, omissões” estão sendo permanentemente, vigiadas e que os deslizes e pecados cometidos por homens e mulheres católicos são contabilizados para ser cobrado e pago no dia do juízo final, o artista parece ter escolhido um sentido para ratificar a moral cristã. Nesse sentido, indica a importância de o cristão viver longe dos pecados mantendo um comportamento regulado pelas normas e valores da religião e da sociedade.

Se o “demo”, o “anjo rebelde”, adquire tal importância para disciplinar e submeter a ousadia de João da Cruz que se rebela contra uma crença forçada na doutrina católica, o personagem escolhido pelo autor para assumir a mediação desse conflito mundano/celestial é também uma figura de grande estatura simbólica e o responsável pela divulgação e manutenção da fé católica é São Miguel Arcanjo. Considerado como chefe do exército celeste sua missão está relacionada ao enfrentamento e combate do mal, isto é ao diabo. No desenho do folheto, aparece no centro da capa, portando suas armas, espada e balança e a aura sobre a cabeça destaca seu lugar de anjo iluminado.

Segundo o Livro do Profeta Daniel, o “Triunfo do Reino de Deus” “naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe que protege o povo”^{vii} para libertar os filhos e ressuscitar os mortos, aqueles que fizeram bem iram para a vida eterna e outros que fizeram o mal para o horror do eterno. No livro do Apocalipse, “Confronto entre o Reino de Deus e o reino do mal”, o texto apresenta “apareceu no céu um sinal, uma mulher vestida com o sol e tendo a lua debaixo dos pés”, para mostrar “Nossa Senhora” se preparando e anunciando para o mundo o momento de dar a luz ao Messias. Embora trate do nascimento de Cristo, essa imagem guarda semelhança daquele posicionamento assumido pela Santa no momento da defesa de João da Cruz, tais aproximações parecem indicar que tanto Leandro como Avelino construíam suas imagens poéticas e iconográficas dialogando com livros proféticos.

Mas, voltando à imagem de Miguel, é importante perceber que o texto da Apocalipse busca mostrar também Nossa Senhora incomodada nos momentos que antecedem ao nascimento de Jesus Cristo, quando é surpreendida por outro sinal do céu no qual o Diabo e seus adeptos se preparam para impedir o nascimento do Messias que virá ao mundo para destruí-lo. É nesse clima de tensão e de ameaça à vida do Salvador que novamente é evocada a figura de Miguel de espada na mão, comandando um exército de anjos celestes guerreiam contra o demônio e os anjos rebeldes na denominada “batalha

no céu”. Após de vencê-los, o Arcanjo expulsa o demônio e os seguidores do céu que se dirigem para a terra.^{viii}

Assim, interessa observar que o Arcanjo Miguel, escolhido para mediar o conflito, qualificado pelos católicos como São Miguel Arcanjo é denominado também de Senhor dos Anjos⁵. Ao ser iluminado pelo primeiro raio, assume lugar destacado de anjo que tem a missão de levar a luz, a fé, proteger o devoto, libertá-lo dos males e conduzi-lo ao arrependimento, por meio do qual, se fará a justiça divina.

Se voltarmos para a leitura da imagem do desenhado da capa do folheto João da Cruz, percebemos que Avelino apresenta um cenário no qual a religiosidade representa o julgamento final que invoca a intercessão de Nossa Senhora, apontando gestos e intencionalidades para que todos os pecados tenham um julgamento.

As imagens literárias e iconográficas dos folhetos de Leandro Gomes de Barros que trabalhamos nesse texto evidenciaram a preocupação do autor em estabelecer amplos diálogos com a literatura elcesiástica, especialmente com a Bíblia e, principalmente, com grupos sociais cujas experiências com leitura e letramento são diversificadas utilizou múltiplas linguagens cruzando narrativas poéticas, orais, escritas, gestuais e imagéticas. Além disso, observamos o grande esforço técnico para imprimir suas histórias, empenho para organizar parcerias e ampliar a rede de distribuição e venda ao consumidor dos folhetos para as regiões Norte e Nordeste⁶.

Em suas abordagens privilegiou temáticas urbanas e religiosas através das quais para além de narrativas jocosas para entreter os consumidores de seus folhetos provocava seu público de diferentes formas para discutir mudanças em tradições historicamente construídas, enfrentando no contexto de modernização urbana de Recife nas primeiras décadas do século XX o lugar assumido por grupos sociais urbanos na difusão de novos hábitos que desqualificavam normas, valores e costumes sociais que consideravam tradicionais. Nessa conjuntura, os folhetos se transformaram – mais do que meio de

⁵ Acompanhado de suas Cortes Celestiais o considerado o Príncipe Miguel desceu à Terra, espontaneamente para atender a todos aqueles que desejassem e auxilia, ouve súplicas e queixas dos fiéis que sentem dores tanto morais, quanto físicas. Para atender aqueles que desejassem seu auxílio mantém incansavelmente a iluminação e Força da Fé,

⁶ Leandro viajava muito para divulgar e vender seus trabalhos. Conviveu com homens cultos e é provável que tenha lido poetas eruditos como Castro Alves, Gonçalves Dias, Camões, além de ser um bom conhecedor da *Bíblia*, fruto talvez do tempo em que passou sob a tutela do padre Vicente Xavier de Farias, vigário e mestre-escola na vila de Teixeira. Silva, Edivania Alexandre da. “O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”: Op. Cit. Salvador: (fotocópia) 2007.

comunicação -, em suportes de relações e tensões sociais, cuja forte marca da religiosidade, mais do que na crença serviam de elementos identitários dos modos de ser e viver diferentes lugares do interior do nordeste.

REFERÊNCIAS

BARROS, Leandro Gomes de. A história de João da Cruz. Afogados, Recife, PE: Popular Editora, 3ª Ed. 1917. Acervo FCRB: Rio de Janeiro. p. 48.

BENJAMIM, Walter. Magia e técnica, Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

A BÍBLIA SAGRADA – Edição Pastoral – São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Capítulo 12, versículos, 1,2,3, 4 e 1 a 18 pp.1161 a 1602.

BRITO, Gilmário Moreira. Culturas e linguagens em folhetos religiosos do Nordeste: Inetr-relações entre escritura, oralidade, gestualidade, visualidade. São Paulo: Annablume, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara [1984]. Resumo biográfico dos cantadores: Leandro Gomes de Barros. In: Vaqueiros e cantadores, pp 318-319. Disponível em <http://www.camarabrasileira.com/cordel12.htm> 17/11/09.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro Citar

Melendi, Maria Angélica. “Imagens e palavras”. In: Almeida, M^a Inês (Org.) São Paulo: EDUC, 1997.

SILVA, Edivania Alexandre da. “O MUNDO ESTÁ AS AVESSAS”: Relações, tensões e enfrentamentos religiosos nos folhetos de Leandro Gomes de Barros –Recife (1900 a 1920). Dissertação Mestrado apresentada a FFCH – UFBA. Salvador: (fotocópia) 2007.

SOUTO MAIOR, Mário. Território da Danação: O diabo na cultura popular do Nordeste. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1975.

TERRA, Ruth Brito Lemos. Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste - 1893 - 1930 São Paulo: Global Editora, 1983.

WILLIAMS, Raymond. Marxismo e literatura. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

ⁱ Cascudo, Luís da Câmara [1984]. Resumo biográfico dos cantadores: Leandro Gomes de Barros. In: Vaqueiros e cantadores. Disponível em <http://www.camarabrasileira.com/cordel12.htm> 17/11/09.

ⁱⁱ Terra, Ruth Brito Lemos. Memórias de Lutas: Literatura de Folhetos do Nordeste - 1893 - 1930 São Paulo: Global Editora, 1983.

ⁱⁱⁱ Cascudo, Luís da Câmara [1984]. Op. Cit. pp. 318-319.

^{iv} Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro Citar

^v Barros, Leandro Gomes de. A história de João da Cruz. Afogados, Recife, PE: Popular Editora, 3ª Ed.

1917. Acervo FCRB: Rio de Janeiro. p.48.

^{vi} Cf. Melendi, Maria Angélica. “Imagens e palavras”. In: Almeida, M^a Inês (Org.) São Paulo: EDUC, 1997. Foucault, Michel. *As palavras e as coisas, uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

^{vii} Bíblia Sagrada – Edição Pastoral – São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Capítulo 12, versículos, 1,2,3 e 4 pp.1161.

^{viii} Bíblia Sagrada – Edição Pastoral – São Paulo: Edições Paulinas, 1990. Capítulo 12, versículos, 1 a 18 pp.1601 a1602.